

CRÍTICA / FILME / 2046

# Uma decupagem da alma e do tempo por Wong Kar-wai

Por Luis Carlos Lacerda\*

**A**ssisto ao filme de Wong Kar-wai, “2046”, último da trilogia composta também por “Dias Selvagens” e “In The Mood for Love”. Nesta coprodução da China, Hong Kong, Itália, França e Alemanha, o diretor radicaliza seus enquadramentos anticonvencionais, rompe regras (inúmeras vezes priorizando objetos da contrarregragem em cena, enquanto os diálogos permanecem off; ou concentrando a ação no gestual de seus protagonistas, seja a mão que “afaga” o corrimão, descendo uma escadaria espiral, ou o cigarro deixado no cinzeiro, e até o cinto do ator que está fora de quadro, elementos que dizem mais do universo dramaturgico em que a cena fica a critério do público construí-la).

Basicamente é a história de um escritor que precisa entregar para seu editor um romance com elementos de lutas marciais e



Divulgação

**Wong Kar-wai radicaliza seus enquadramentos anticonvencionais**

paixões entre humanos e andróides tipo “Blade Runner”, e que se (nos) confunde entre os limites da vida real e daquilo que escreve

(como Alain Resnais em “O Ano Passado em Marienbad” e “Providence”).

A memória transpassa a ação que o con-

funde com um atleta sexual, meio cafetão e meio escritor romântico, e o conduz ao inevitável encontro com as messalinas orientais onde em seus peitos também bate um coração. E sofrem. Mas gozam. Gozam muito. Sob uma luz trabalhada com as referências culturais chinesas que evocam os monumentais palácios vermelhos, as caixas de laca onde se guardam os segredos ancestrais, e a pintura abstrata dos pintores presentes até no nosso Modernismo.

Direção de Arte, Fotografia (de Christopher Doyle, Kwan P. Leng e Lai Yiu-fai) e a original decupagem do diretor Kar-wai com seu estilo vanguardista conferem ao drama-lhão lig-lig-lé uma ponte com toda a tradição do cinema de lágrimas do lado de baixo do Equador.

Ainda mais pontuado por Lecuona em seu clássico Siboney, levado pela banda cubana de Xavier Cugat, que garantiu a presença cucaracha nos filmes de Hollywood anos-50. E não para por aí: tem Nat King Cole e a ópera “Norma”, de Bellini (afinal, a Itália é coprodutora).

Com apenas US\$ 12 milhões, se comparada à média milionária das produções internacionais, e um elenco de alto nível (encabeçado por Tony Chiu-wai e Zhang Ziyi Faye Wong) Kar-wai realiza uma obra-prima. Dessas que parecem conseguir reacender o prazer de assistirmos a um ótimo filme.

Na grade do Mubi.

**\*Cineasta e poeta**

CRÍTICA / CINEMA / PEDAÇO DE MIM

Les Films du Losange

## Noção do que é normal desafiada

Por Sérgio Alpendre (Folhapress)

Na primeira cena de “Pedaço de Mim”, longa de Anne-Sophie Bailly, uma mãe e seu filho nadam numa piscina, filmados em câmera lenta, seus corpos se movimentando lindamente embaixo d’água. É um começo promissor, que o filme nem sempre irá acompanhar. A protagonista é Mona, mulher de meia idade interpretada por Laure Calamy, que cuida do filho



**Joel (Charles Peccia-Galletto) precisa mudar a relação com a mãe (Mona (Laure Calamy))**

neurodivergente Joel, um adulto tido como “lento” pela sociedade.

Por um descuido, Joel engravida sua companheira de trabalho Océane, também neurodivergente. A partir desse acidente surge uma

crise na relação mãe e filho e na de Mona com os pais de Océane, que a acusam de negligenciar os cuidados com o filho. Logo vemos que Joel pode ser considerado lento, mas Mona, que é considerada normal, em muitos aspectos

é mais infantil que ele. O filme então pergunta o que é a normalidade.

A partir daí começamos a perceber que talvez um pouco de independência não fará mal a Joel e Océane. Claro que eles precisam de alguns cuidados, de proximidade afetiva, de apoio para decisões mais importantes.

Joel tem rompantes violentos. Mas Mona também, e o pai de Océane, e muitas outras pessoas. O que importa é que Joel é um personagem adorável, assim como Océane. Mesmo Mona, que pode irritar um pouco com suas inconstâncias, acaba por conquistar nossa simpatia.

Formalmente, o longa de Bailly remete ao começo deste século, algo semelhante aos que os irmãos Dardenne faziam em “O Filho”, por exemplo. Esse modo de filmar muito de perto, com boa parte da imagem desfocada e uma câmera que parece encurralar os personagens, tornou-se lugar-comum de festivais europeus.